

**Anais do 7º Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em
Dança (ANDA)**

ISSN: 2238-1112

CORPO EDITORIAL 2023

Organização

Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos (UEA)
Prof. Dr. Diego Pizarro (IFB e UFBA)
Prof. Dr. Jessé da Cruz (UFSM)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (UFPel)
Profa. Dra. Ligia Losada Tourinho (UFRJ)

Revisão Técnica

Pessoas autoras e Conselho científico

Diagramação e revisão de forma

Profa. Dra. Jussara Janning Xavier

Correalização

Programa de pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia
(PPGDANÇA/UFBA)

Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal
da Bahia (PRODAN/UFBA)

Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de
Janeiro (PPGDAN/UFRJ)

Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Faculdade Angel
Vianna (PPGP DAN/FAV)

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da
Bahia (PPGAC/UFBA)

Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas
(PPGARTES/UFPel)

Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes da Universidade Federal do
Amazonas e Universidade do Estado do Amazonas (Prof-Artes/UFAM/UEA)

Ficha Catalográfica

Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (07.: 2023 : Brasília, DF)
C749a Anais do 7º Congresso da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança : dança
como insurgência e criação de outros modos de ser [recurso eletrônico] / Organizado por
Yara dos Santos Costa Passos, Diego Pizarro, Jessé da Cruz. - Salvador, BA : ANDA, 2023.

2665 p.
Edição digital
ISSN: 2238-1112

1. Dança 2. Dança - Pesquisa 3. Dança - Educação. I. Passos, Yara dos Santos Costa.
II. Pizarro, Diego. III. Cruz, Jessé da. IV. Título

CDD 792.8
CDU 793.3

Carine Paulo - Bibliotecária - CRB 14/1814

SUMÁRIO

COMITÊ TEMÁTICO	
CORPO E POLÍTICA: IMPLICAÇÕES E CONEXÕES EM DANÇAS.....19	
ARTIGOS.....	28
Histórias das Políticas da Dança em duplo encontro: arquivos sobre gestão e invenção coreográfica no Rio de Janeiro de 1990 a 2020 - Adriana Pavlova...	29
Danças como micropolíticas ativas - Alysson Amancio.....	41
Marcas: o corpo pandêmico como dispositivo de criação em dança - André Duarte Paes; Marília Vieira Soares.....	52
Corpo e lutas populares: contribuições do Laboratório de Imagem e Criação em Dança na Conferência Popular pelo Direito à Cidade - André Meyer; Ana Célia de Sá Earp; Jessica Lopes Oliveira.....	68
Crítica à elaboração eurocêntrica de dança e coreografia - Andreia Yonashiro; Lígia Losada Tourinho.....	87
A dança <i>krump</i> como forma de protesto - Bianca F. Loureiro.....	104
Percorrendo pelo conceito de economias e mercados da dança e suas interfaces com a dança de salão - Brenda Valentim Araujo.....	117
Dulce Aquino: reflexões sobre um corpo feminino político artivista da dança - Clarice Contreiras; Mirella Misi.....	128
Artista em trabalho normal: às vezes, fazer alguma coisa leva a nada - Cláudia Góes Müller.....	143
Uma genealogia intensiva para as palestras-performances - Felipe Kremer Ribeiro.....	159
Construção de espaços coletivos de trocas para criação em dança - Gabriela Yumi da Silva Ishikava; Daniella de Aguiar.....	172
Manejos de terra para uma Mata Inteira: dança, agricultura e luta na construção de “outro fim do mundo possível” - Georgianna Gabriella Dantas.....	184
Os discursos não garantem o político na dança - Helena Bastos; Rebeca Tadiello.....	199

Corposcardumes insurgentes:ativando modos existência e reapropriação da vida - Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque.....	213
Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem - Iara Sales Agra.....	231
Corpodefança: ativismos artísticos e dança defcentrada - João Paulo de Oliveira Lima; Joubert de Albuquerque Arrais.....	245
Reviravoltas geracionais: contribuições entre a dança e o circo ao longo de 5 gerações formadas pela Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha - Julia Coelho Franca de Mamari.....	259
O corpo-trabalho no neoliberalismo: consequências da nova gestão do trabalho - Liz Nátili Sória; Maria Helena Franco de Araujo Bastos.....	272
Dançalivro, livrodança, dança para página ou dança impressa - Marcelo de Sousa Camargo.....	288
O corpo político da Dança-Teatro dos Dzi Croquettes - Marcilio de Souza Vieira.	302
Trilhas cartográficas do corpo observador - Meireane R. R. de Carvalho.....	315
As condições trabalhistas de uma professora de dança da rede pública municipal de João Pessoa – PB - Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura; Roana Borges Barbosa.....	329
Um corpo Brasil: em carne viva - Mirela Lima de França.....	343
Fabulação como dispositivo para corpos privados de liberdade - Nailanita Prette; Maria Helena Franco de Araujo Bastos.....	359
Rede de atuação em dança na cidade do Recife em 2022: grupos, companhias, coletivos, artistas independentes e escolas de dança - Raphaela Barros de França Campelo; Adriana de Faria Gehres.....	370
Por uma poética do chão: um percurso no fazer da trilogia <i>Dança Baixa</i> , <i>Dança Anfíbia</i> e <i>Dança Monstro</i> da Companhia dos Pés - Reginaldo dos Santos Oliveira.....	385
Entrevendo dança para acioná-la por acontecimento - Ronábio Lima; Lígia Losada Tourinho.....	401
Performatividade da branquitude e perspectivas antirracistas - Silvia Chalub.	415
Aproximações das danças contemporâneas e performances de com-posições em casas - Thulio Jorge Silva Guzman.....	436

Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem

Iara Sales Agra (UFBA)

Comitê Temático Corpo e Política: implicações e conexões em danças

Resumo: O artigo aborda a pesquisa *Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem*, sendo desenvolvida no PRODAN/UFBA e que investiga de maneira teórico-prática o trânsito entre os campos da Dança, a Arte da performance, Design gráfico, Maternagem e livro/publicação de artista, conformando essas ações/mídia em uma *Obra performática*, uma dança-livro. A pesquisa tem como ponto de partida minha experiência profissional transdisciplinar, principalmente entre Dança e Design. A partir de 2009, passo a entender e investigar a identidade visual de uma dança não somente como partes complementares da obra e sim como uma ampla ação performativa de mútua afetação transdisciplinar entre a “coreografia da imagem” e a “coreografia do corpo”. Como procedimento metodológico, tenho cumprido uma série de ações, intituladas: “Inventariado: ações para materialidades de um solo”. A pesquisa versa sobre a fricção entre Dança, Design, Maternagem e livro/publicação de artista, temática que poderá impulsionar reflexões e instigar novas abordagens no campo da dança, assim como produzir insumos para outros pesquisadores interessados no tema. Como resultado, a “Obra performática”, será materializada como uma série de ações complementares: um solo-dança-livro-manifesto.

Palavras-chave: Corpo; Dança; Imagem; Maternagem; Livro/publicação de artista.

Abstract: The article approach the research *That (me) makes you move: transmutations between choreography of the body and choreography of the image*, being developed at PRODAN/UFBA and which investigates in a theoretical-practical way the transit between the fields of Dance, the Art of performance, Graphic design, Mothering and artist's book/publication, shaping these actions/media into a “Performative Work”, a book-dance. The start point of research has been my transdisciplinary professional experience, mainly between Dance and Design. Since 2009, I began to understand and investigate the visual identity of a dance not only as complementary parts of the work but as a broad performative action of mutual transdisciplinary affectation between the “choreography of the image” and the “choreography of the body”. As a methodological procedure, I have completed a series of actions, entitled: “Inventoried: actions for soil materialities”. The research deals with the friction between dance, design, mothering and artist's book/publication, a theme that could boost reflections and instigate new approaches in the field of dance, as well as producing input for other researchers interested in the topic. As a result, the “Performative Work” will be materialized as a series of complementary actions: a solo-dance-book-manifesto.

Keywords: Body; Dance; Image; Mothering; Artist's book/publication.

1. Corpo-mãe-imagem: a trajetória enquanto pesquisa

Sou Iara Sales Agra, mãe de Ernesto, artista e pesquisadora de dança e performance, produtora cultural e designer gráfico, idealizadora e co-fundadora da Coletiva Mãe Artista (2021). O presente artigo delineia a pesquisa intitulada *Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem*, em curso pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA), na linha de pesquisa 1 — Experiências Artísticas, Produção e Gestão em Dança, com orientação da Professora Dra. Daniela Guimarães (UFBA).

Que (me) faça mover: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem surge a partir de minha experiência profissional que está pautada na atuação como artista criadora e pesquisadora, transitando entre os campos da Dança, da Arte da performance e do Design. E mais recentemente, a partir da gestação do meu filho (2007-2008), acrescento o interesse, a militância e o artivismo acerca do universo da relação entre Arte e Maternagem¹, performando junto a Ernesto, um corpo-mãe-imagem.

A pesquisa inicialmente impulsionada pelas inquietações de “como transmutar o processo criativo em Dança ao processo criativo em Design? Como relacionar essas práticas? Como o Design afeta a Dança e a Dança afeta o Design? O corpo que produz Design é inerte? Como essa co-implicação de práticas produz conhecimento?” É, agora, também atravessada por reflexões sobre como as experiências de Maternagem servem não apenas a quem gesta,pare e cuida, mas à sociedade como um todo, sendo mote para criações artísticas, visibilidade e protagonismo aos corpos-mães.

Desde 2009, tenciono a relação entre meus fazeres profissionais e passo a entender a identidade visual de uma dança não somente como partes complementares da obra e sim como uma ampla ação performativa de mútua

¹ Enquanto a maternidade é tradicionalmente permeada pela relação consanguínea entre mãe e filho, a Maternagem é estabelecida no vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho por uma mãe ou cuidador(a).

afetação transdisciplinar entre a “coreografia da imagem” e a “coreografia do corpo”. Ao percorrer essas fronteiras entre os campos da Dança e do Design Gráfico, numa busca por um Design fluido, principalmente na confecção e diagramação de livros para e sobre Dança, tenho desenvolvido estratégias para fazer com que o(a) leitor(a) dance com o livro. Mais do que um livro-objeto ou o livro como um objeto, meu trabalho tem sido direcionado à criação de um corpo, um corpo-livro, uma dança-livro.

No ano de 2021, em meio a pandemia da Covid-19, idealizei, coordenei, produzi, orientei e fiz a programação visual do projeto "Mãe artista ou Artista mãe? residência artística remota para mães artistas da dança", que contou com recursos da Lei Aldir Blanc Pernambuco (LAB/PE). A residência reuniu dezoito (18) mães artistas, de todas as regiões do Brasil, as quais puderam compartilhar relatos, experiências, afetos e imergir em processos criativos que culminaram na criação de dezenove (19) obras de arte (crias) em exposição online permanente². Fruto desse encontro nasceu, também em 2021, a *Coletiva Mãe Artista* formada por oito (8) mães artistas de Pernambuco, Bahia, São Paulo e Distrito Federal. A *Coletiva* tem sido um campo coletivo de aprofundamento sobre a temática da relação entre Arte e Maternagem e do meu ser/fazer artivista.

Assim, *Que (me) faça mover*: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem chega ao cruzamento entre Dança, Design e Maternagem (um performar materno) e fundamenta-se no conceito de publicação/livro de artista ou livro-objeto, utilizando pesquisadores como Amir Cadôr, que nos fala que "os livros de artista são obras de arte que podem nos acompanhar em qualquer lugar e a qualquer hora" (Cadôr, 2014, p. 25).

A pesquisa versa, então, sobre a fricção entre Dança, Design, Maternagem e livro de artista, no desejo de poder aprofundar e tensionar práticas profissionais e estudos acadêmicos em Dança, possibilitando a sistematização

² É possível acessar a exposição virtual permanente no site: maeartistadanca.46graus.com.

de minhas pesquisas artísticas, na busca por conformar essas ações/mídia numa obra performática, uma dança-livro-manifesto, que move e faça mover.

2. Que (me) faça mover

A pesquisa *Que (me) faça mover*: transmutações entre coreografia do corpo e coreografia da imagem investiga e aprofunda de maneira teórico-prática o trânsito entre os campos da Dança, a Arte da performance, Design gráfico, livro de artista e Maternagem, conformando essas ações/mídia numa obra performática.

Que (me) faça mover... O que faz mover? O que te faz mover? O que me faz mover? O que te move? Qual o estímulo, impulso inicial para o gestar? Gesto, eu gesto embebida de gestualidades. MO-VI-MEN-TO. "Desejo em forma de movimento, o gesto atravessa o espaço e se efetiva no tempo" (Krücken, 2020, p. 41). CRIA. "Na arte, como na vida, o gesto se configura em um contexto de possibilidades, carregado por forças que transformam emoções em fazeres, desejos em criações, percepções e pensamentos em construções. Em gestos, não à toa, o gestar" (Krücken, 2020, p. 42). E aqui, nessa deriva entre corpo, Dança, mãe, imagem, Design, etc. etc. etc. sigo em exercício de realizar (de acontecer) "um livro de artista, que faça mover". Mover/movimento, no seu amplo sentido.

"Uma dança-livro que (me) faça mover", um mover provocado por um (eu)corpo-mãe, que convida a pensar o maternar como manifesto, o corpo materno como território político, como lugar de fala. Entendendo "lugar de fala", a partir do pensamento de Djamila Ribeiro que nos conta que "o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social" (Ribeiro, 2017, p. 37).

O "me" presente no título, e peço aqui uma licença poética, é mesmo um autoconvite, para que essa pesquisa instigue a movências e que ela, antes de tudo, possa me fazer mover. Ação que a pandemia da covid-19 fez

adormecer, entre isolamentos e rotina "247" trabalhista materna. "Um corpo-mãe designer pode dançar?"

Como metodologia de pesquisa e procedimento de investigação, tenho promovido uma série de ações, laboratórios de criação, conversas-encontros ou residências artísticas, a que intitulei *Inventariado*: ações para materialidades de um solo, que se dividem nas seguintes temáticas: 1. Corpo: Corpo-dança, Corpo-imagem e Corpo-mãe; 2. Livro/publicação: livro de artista, dança-livro, corpo-livro; 3. Arte e maternagem; 4. Escrita performativa - esboços para um manifesto; 5. Técnicas de impressão e 6. Materialidades ou materiais.

Para desenvolver esse inventariado, tenho contado com a colaboração de artistas e pesquisadores competentes nas "áreas". Por exemplo, em maio de 2023, realizei junto com a *Coletiva Mãe Artista*, nossa segunda residência artística, a primeira presencial, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador/BA. Na ocasião foi investigado e experienciado a partir das temáticas 1, 3 e 4. Também me reuni numa conversa-encontro, na Escola de Belas Artes da UFBA (Salvador/BA), com os artistas e pesquisadores Tiago Pinto Ribeiro (Ti.Pi.Ri), Diane Portela e Léo Vieira para conversarmos sobre os temas 2, 5 e 6. Esse movimento de produzir insumos para o *Inventariado* segue acontecendo como metodologia de investigação da pesquisa.



Fig. 1 e 2. Imagens da 2ª residência artística da Coletiva Mãe Artista - Escola de Dança da UFBA (Salvador/BA), 2023. Fonte/Fotografia: Tonlin Cheng.

Audiodescrição da imagem: Foto da esquerda em plano horizontal. Em uma sala de aula/ensaio, na escola de Dança da UFBA, um amontoado de mulheres abraçadas e deitadas

no chão, com roupas de ensaio de diversas cores, no canto superior direito da foto, próximo aos pés de uma das mulheres, estão uma folha de papel sulfite e um celular, ambos também sobre o chão. Foto da direita em plano horizontal. Em uma sala de aula/ensaio, na escola de Dança da UFBA, oito mulheres e uma criança estão sentadas em círculo, distantesumas das outras. Também é possível notar cadeiras/carteiras amarelas encostadas na parede do lado direito da sala. Na parede, que é pintada na metade inferior na cor bege e na metade superior na cor branca, podemos ver também dois quadros brancos. No teto, de concreto na cor cinza de cimento, podemos perceber três lâmpadas acesas.



Fig. 3. Imagem da Conversa-encontro para o *Inventariado*: ações para materialidades de um solo, de Iara Sales com Diane Portela, Léo Vieira e Tiago Pinto Ribeiro (TI.PI.RI) - Escola de Belas Artes da UFBA (Salvador/BA), 2023. Fonte/Fotografia: Tiago Pinto Ribeiro (TI.PI.RI).

Audiodescrição da imagem: Foto em plano vertical. Em uma sala de aula, na escola de Belas Artes da UFBA, quatro pessoas estão sentadas ao redor de uma mesa branca. Sobre a mesa estão livros, papéis, uma pasta vermelha, um celular e uma fita crepe. Do lado esquerdo está sentada uma mulher de pele clara, cabelos encaracolados, curtos e preto e vestida com uma camisa vermelha. Ao seu lado e no centro direito está outra mulher, com os cabelos levemente grisalhos, lisos e curtos. Vestida com uma blusa de manga comprida com estampa de onça preta e amarela e brincos vermelhos. Do seu lado, dividindo o centro da foto, está um homem de pele clara, cabelos pretos com uma mecha descolorida, usa barba e bigodes pretos, óculos de grau com armação vermelha e está vestido com uma camisa branca com detalhes escritos em vermelho. Ao seu lado, no canto direito da foto, outro homem, vestido com uma camisa de botão clara, cabelo um pouco calvo, barba e bigode grisalhos e óculos com armação escura.

A materialidade da publicação de artista que tenho desenvolvido é com "o que está à mão", ou com o que emerge da minha relação corpo-mãe-cria: materiais garimpados em conjunto com Ernesto. E grifo fita crepe, como meu objeto coringa, como lugar de pele, de ligação entre coisas/mundos, um ponto central da investigação e impulsor, que segue mobilizando, dando

contorno, conectando, remendando, construindo pontes, movimentando as minhas criações artísticas e o meu maternar.

No interesse por refletir sobre como o corpo materno e sua expressividade artística é território político e potencializador de transformação social, pretende-se que a temática abordada na dança-livro verse sobre algumas questões/ eixos debatidos nas duas edições do seminário *Conversas sobre Arte e Maternagens*, da *Coletiva Mãe Artista*, a primeira realizada em abril de 2021³ e a segunda em maio de 2023⁴.

As temáticas conversadas durante as duas edições dos seminários como: a desromantização da maternagem, as transformações físicas, psíquicas e sociais do corpo-mãe; o cancelamento e a invisibilidade x produtividade da mãe-artista, dentre outras, entrarão na publicação como memórias, jogos, relatos, manifesto ou no performar.

Tais reflexões se colocam como um convite essencial para o debate entre nossos pares, nos levando a refletir criticamente sobre os lugares profissionais que ocupamos e as condições estruturais que produzem esses lugares. Assim, apresento esses cruzamentos: performance, corpo, maternar, Dança, Design, imagem, que segue sendo processo e assim será.

3. Porvir: pistas para a dança-livro

Em 2022.2, tive o enorme prazer em cursar a matéria optativa Tópicos especiais: *O avesso da página*, do Programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes - EBA/UFBA, ministrada pelas professoras doutoras Lia Krucken e Inês Linke. Nessa oportunidade, pude aprofundar os estudos sobre livro/publicação de artista e pude dar o pontapé inicial para a coreografia

³ Maiores informações sobre o 1º Seminário *Conversas sobre Arte e Maternagens* é possível encontrar em: <https://maeartistadanca.46graus.com/arte-e-maternagens/>

⁴ O 2º seminário *Conversas sobre Artes e Maternagens*, com a temática *Mãe, deixe a peteca cair!* (2023), foi realizado online em parceria com a *Coletiva Mãe Artista* e é uma ação formativa do projeto *Pequeno manual de sobrevivência para mães artistas* (incentivo do FUNCULTURA PE), que estou realizando em paralelo à pesquisa de mestrado.

ou para a materialização do que tem se tornado minha dança-livro e seus "capítulos" ou série de performances.

Aqui entendo coreografia não apenas no sentido corriqueiro onde coreo = dança e "grafia" = escrita ou desenho, ou "a escrita da dança", ou como uma "prefiguração de movimentos de dança" (Caldas, 2017, p. 24). Concordo quando Paulo Caldas diz que é equivocado limitar "o significado de coreografia estritamente à dança: coreografia não é (só) dança" (Caldas, 2017, p. 33). Caldas ainda nos explica que:

A coreografia pode ser imaginada, lembrada, descrita, anotada, notada, grafada, fotografada ou filmada de infinitos modos por infinitas vezes, performada de infinitos modos por infinitas vezes, mas ela não é nem imaginação, nem lembrança, nem descrição, nem anotação, nem notação, nem desenho, nem fotografia, nem filme, nem plenamente performance — ainda que, sem me contradizer, paradoxalmente seja plenamente cada uma de todas performances que dela se fizer. A coreografia — assim parece — se configura como uma proposição maquinica, um mais ou menos complexo diagrama imaterial inseparável de suas atualizações efêmeras na materialidade performativa, singular e, acrescento, improvisacional dos corpos (Caldas, 2017, p. 34-35).

E ainda continuo a corroborar com o autor, quando ele enuncia que, "a coreografia se afirma como uma máquina virtual que se atualiza em diferença, aberta a modulações de corpos ocupados com a efetuação de um projeto estético-político comum" (Caldas, 2017, p. 36). E, a partir disso, ainda com base no pensamento de Caldas, aqui entendo coreografia como um fazer-mover simultaneamente ético, estético e político do corpo e da imagem.

Comecei a me interessar por livros de artista, sem saber bem o que isso significava. Meu interesse por livros (pela materialidade livro) de maneira geral, é antigo, sou fascinada pelo cheiro do papel. Cheiro que lembra a infância e a minha mãe deitada na rede lendo. Sou fascinada por papéis, papéis que preenchem todos os sentidos. Pele, tato, olfato, barulho do lápis riscando o papel. Hoje vejo o meu filho lambendo com a pontinha da língua a dobradura do papel, que logo se amolece e rasga. Meu avô Omar com sua esponjinha embebida n'água, facilitava o passar de páginas... e o seu "lixeiro de papéis"? baú de tesouros, um universo sem fim que ficava embaixo da escrivaninha da

sua máquina de escrever. Ali eu mergulhava, uma de minhas brincadeiras favoritas na infância: papéis do baú de vovô e suas canetas.

Em outrora, criei, vivi, festejei a obra PEBA⁵. Ela se reverberou em tantas facetas que virou até livro. Um livro-objeto (um livro de artista) totalmente artesanal, no modo "feito em casa". Comprei uma impressora, diagramei, ilustrei e imprimi em casa. Meu companheiro de vida e de trabalho e pai de Ernesto, Tonlin Cheng, foi o responsável pela encadernação artesanal. A impressora ficava no meu quarto e o cheiro de tinta infestou todos os meus poros, narinas e sentidos... depois de bastante entranhamento entre cheiros, papéis, cortes, colagens, secagem, movimento: o lançamento.



Fig. 4 e 5. Imagem da capa e do miolo do livro-objeto PEBA. Artistas pesquisadores: Iara Sales e Tonlin Cheng. Olinda/PE, 2014. Fonte/Fotografia: Iara Sales.

Audiodescrição das imagens: Foto da esquerda em plano horizontal da capa do livro-objeto PEBA. Capa feita de papelão e carimbada diversas vezes a palavra PEBA na cor marrom,

⁵ PEBA (2013-2019) é uma obra entre dança, performance, *live PA* e instalação (arquitetura de luz e som), de Iara Sales, Sérgio Andrade e Tonlin Cheng. Investiga a corporalidade “peba”, que, sorrateiramente, transita entre folguedos, ruas e festas dos estados de Pernambuco (PE) e Bahia (BA). Peba joga com a sigla dos dois estados, e é também uma palavra tupi-guarani (algumas variações são: “pewá”, “peva”, “péua”), que significa baixo, nano, anão, achatado, rasteiro, curto das pernas (quando usado para se referir a animais). Além disso, na gíria urbana local, o termo “peba” exerce, performa uma função adjetiva para designar uma qualidade de baixa tecnologia; uma “coisa peba” significa materialidade ou arranjo precário que provisoriamente resolve um problema. Brincando com essas dobras histórico-performativas, a dramaturgia de PEBA é escrita como uma amarração-peba de corporalidades diáspóricas manifestadas nas festas carnavalescas e em outras práticas populares subversivas das cidades de Recife/ PE e Salvador/ BA. A performance está imersa numa instalação gambiarra de materiais residuais de luz e som, adaptável para espaços não teatrais. Ficha técnica: Criação e performance de Iara Sales; Trilha sonora original e *live PA* performance de Tonlin Cheng; Direção Artística de Sérgio Andrade; Dramaturgia de Iara Sales e Sérgio Andrade e Direção Técnica de Tonlin Cheng.

formando uma textura. Foto da direita em plano horizontal do miolo do livro-objeto PEBA. Miolo em diversas cores, sendo a primeira página uma ilustração, com um desenho feito com nanquim e aquarela, representando uma mulher de braços abertos. Nos braços da mulher está escrita a seguinte frase: "meio mulher... meio bicho zombeteiro".

Um livro de artista que nasceu já dá ideia de transmutar áreas de conhecimento e de performar materiais. Dá ideia de provocar múltiplas sensações no leitor ou de "como tirar o leitor do lugar inerte/passivo?". Mais tarde percebi que mesmo o livro mais "tradicional", faz mover. Seja porque lemos em diversas posições e locais, ou por seus diversos formatos e diagramações, ou porque nos provoca sensações tátteis, olfativas, afetivas, imaginativas, aventureiras. Porém, não é somente esse movimento que tem me interessado, pelo menos não aqui no percurso desta pesquisa. Minha persistência é em afirmar que livros também podem ser obras performáticas e com eles ou através deles podemos performar.

Na ânsia de pensar corpo-livro, corpo e imagem, achei interessante a "curiosidade" apresentada por Amir Cadôr sobre a relação do livro com o corpo humano:

Na terminologia usada nas oficinas tipográficas, encontramos diversos nomes que relacionam o livro com o corpo humano: o próprio texto, em sua unidade, é o corpo do livro; a primeira página é a folha de rosto; a parte de baixo é o pé, e a parte de cima, a cabeça (assim é possível referirmo-nos ao cabeçalho e às notas de rodapé); alguns livros têm orelhas, que são as abas laterais da capa; a mancha tipográfica, que é a área impressa definida pelas margens, também é chamada de olho; nos antigos manuscritos, as letras ornamentadas que iniciam o texto são chamadas capitulares, palavra de origem latina que quer dizer "cabeça". Bigode é o filete ornamental, mais grosso no centro e afinado nas extremidades, utilizado no final das páginas. A divisão vertical das páginas é chamada de coluna (Cadôr, 2016, p. 221).

Não bem esse o caminho que tenho seguido, mas é interessante pensar que o objeto livro é corpo e que talvez seja redundante falar corpo-livro. São pistas. Pistas para a dança-livro.

Atualmente tenho performado a dança-livro porvir, através dos "capítulos": *Umbigo, Garatujas, Soterrada e Cancelada/invisibilizada*, junto com a fita crepe, minha aliada tanto em minhas criações artísticas, quanto no meu maternar cotidiano.

Umbigo trata de um desdobramento do meu *Roteiro de diário visual - Diário da ausência (de uma mãe) ou Distante*, mas não ausente, desenvolvido ao longo das minhas idas e vindas entre as cidades de Olinda/PE e Salvador/BA no ano de 2022, meu primeiro ano do curso de mestrado. Na ocasião, e por consequência da pandemia da Covid-19, as disciplinas do mestrado foram ministradas de maneira híbrida, sendo necessários momentos presenciais na Escola de dança da UFBA. Parte do *Diário* também foi apresentado como trabalho avaliativo da matéria *Tópicos contemporâneos em Dança* (2022.1), ministrada pelas professoras doutoras Cristina Rosa e Daniela Guimarães, pelo Programa de Pós-graduação em dança da UFBA.

Em *Umbigo*, faço uso de texto, papéis, desenhos, histórias e rabiscos conectados através de um orifício que os perfura e uma linha vermelha que os cruza e também conecta. Já em *Garatujas*, nome dado à fase inicial dos primeiros grafismos ou rabiscos das crianças, utilizo também materiais compostos com Ernesto e três fotos-performances criadas em parceria com Ernesto e Tonlin Cheng.



Fig. 6. Foto-performance da série *Garatujas*, da pesquisa de Iara Sales (Olinda/PE), 2022.
Fonte/Fotografia: Tonlin Cheng.

Audiodescrição da imagem: Foto em plano horizontal. Uma mulher de pele clara, com cabelos curtos, pretos e encaracolados, vestida com uma camiseta listrada nas cores branca e vermelha, olha fixamente para a câmera. Ao seu lado, uma criança de cabelos encaracolados, castanho claro, vestida com um short azul, olha para a mulher. O seu rosto não aparece.

Ambos estão sentados à mesa de jantar. Sobre a mesa estão três pratos azuis, com macarrão, batata frita, carne moída e brócolis. Também é possível ver diversos objetos, típicos de sala de jantar sobre a mesa. A foto com sombreamento nas bordas e iluminação focada no centro, enfatizando uma cena cotidiana de uma mulher (mãe) dando a refeição para o seu filho.

Em *Soterrada*, soterro com pedras a "culpa materna". Uma culpa frágil e necessária de ser abatida e chamada a atenção para a reflexão sobre temática tão presente no maternar. A fita crepe, presente em todos os "capítulos" citados acima, entra também em cena em *Cancelada/Invisibilizada*, onde, literalmente, cubro todo o meu rosto com a fita crepe, esgarçando o "fetiche" da mãe não humana, sem face, ao mesmo tempo que trago à tona a mulher mãe artista invisibilizada e cancelada pelo sistema capitalista patriarcal. Sistema que exige uma rotina de produção acelerada, incompatível com o tempo puerpério da maternidade.

Na imagem a seguir é possível a visualização de mim mesma performando as pistas do que se tem materializado na dança-livro e sua série de performances.



Fig. 7. Imagem da palestra performática da pesquisa de Iara Sales (Salvador/BA). Mãe artista pesquisadora: Iara Sales. Congresso da UFBA 2023 - Escola de Dança da UFBA, 2023.

Fonte/Fotografia: Samantha Coelho.

audiodescrição da imagem: Foto em plano horizontal. Em uma sala de aula/ensaio, na Escola de Dança da UFBA. À direita, uma mulher de pele clara, cabelos curtos, encaracolados e pretos, brinco vermelho e roupa preta com ilustrações coloridas, toca com as mãos um livro de artista, feito de papéis e fotografias, ao lado da sua mão esquerda está uma fita crepe. Todos os objetos estão sobre uma mesa branca. Em seu entorno estão pessoas em pé e um rapaz agachado à sua frente, com as mãos sobre a mesa, observando a sua demonstração.

Para além de motivações de âmbito privado, acredito que as transmutações entre os campos de saberes da Dança, Design, Maternagem e livro de artista, avançarão na compreensão do trabalho do artista contemporâneo, podendo impulsionar reflexões e instigar novas abordagens no campo da Dança em diálogo com o design e as artes visuais, assim como provocarão novos insumos para outros artistas, pesquisadores e interessados na temática geral. Além disso, considero que a questão que tomo como mote para desenvolver a obra, sobre a relação entre arte e Maternagem, no contexto social atual, traz uma importante contribuição sociopolítica, principalmente para a comunidade dos artistas profissionais da Dança.

Atuo no entre, na fronteira, entre corpo e imagem. Chego à conclusão temporária de que uma obra performática, um performar materno, se dará por satisfeito com a realização de uma publicação de artista. No performar de uma dança-livro-manifesto, que move e faça mover!

Referências:

- CADÔR, A. **Ainda**: o livro como performance. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2014.
- CADÔR, A. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- CALDAS, P. Coreo|Grafia. In: Xavier, J.; Instituto Festival de Dança de Joinville (org.). **Seminários de dança**: dança não é (só) coreografia. Joinville: Instituto Festival de Dança de Joinville, 2017. p. 22-40. *E-book*.
- KRÜCKEN, L. Considerar o gesto. In: Urbanidades (org.). **Gestos artísticos em tempos de crise**. Salvador: Dunas, 2020. p 40-42. *Livro eletrônico*.
- RIBEIRO, D. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SALES, I. **Mãe-artista ou Artista-mãe?** 2021. Disponível em: <https://maeartistadanca.46graus.com/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Iara Sales Agra (PRODAN-UFBA)
isalesagra@gmail.com

Mãe, artista e pesquisadora de dança e performance, produtora cultural e designer gráfico. Mestranda do Profissional em Dança - PRODAN, especialista em Estudos Contemporâneos em Dança (2019) e graduada em Licenciatura em Dança (2008), todos pela UFBA. Graduada em Design Gráfico (2018), pelo Instituto Federal de Pernambuco - IFPE.